



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

O DISCURSO ESTABELECIDO NA REVISTA *JORNAL DAS MOÇAS*

Dálete C S Heitor de Albuquerque*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa nasceu da minha experiência como leitora, como apreciadora dos impressos, suporte imprescindível¹ para circular pelo mundo das letras, por contar a história do mundo, do texto, das palavras. Por narrar a história da leitura. Nasceu motivada pelo interesse em investigar um objeto viciante de paixão colecionista, uma revista feminina, o semanário carioca *Jornal das Moças*. Também, o presente trabalho integra pesquisa de mestrado em andamento e tem por objetivo identificar a representação da mulher ideal, a partir do discurso estabelecido da autoria, tendo como *corpus* de análise as colunas do semanário *Jornal das Moças*, publicado entre anos de 1914 a 1968. O recorte temporal, 1930-1945, situa-se na Era Vargas, partindo do princípio de que a referida revista teria sido o meio pelo qual a representação conservadora de mulher, presente na sociedade, se perpetuava.

A relevância desta pesquisa se dá, inicialmente, por seu aspecto histórico, por entender a fonte como objeto histórico. No ano de 2014 seria comemorado o centenário

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa em História da Educação e Memória, da Universidade Federal de Mato Grosso.

¹ Aqui coloco-me como uma apaixonada por livros. Nesse sentido, o impresso, como suporte imprescindível como leitora, não levando em consideração, para este trabalho, os suportes proporcionados pelas tecnologias da comunicação e da informação e suas várias possibilidades.

de lançamento de *Jornal das Moças* e, mesmo não estando em circulação, esse semanário disponibiliza fonte inesgotável de discussões acerca da representação da mulher. Não se pode perder de vista que ela circulou por 51 anos e atravessou importantes momentos na história do Brasil. Em segundo lugar, não foram encontradas publicações que envolvam estudos acerca da autoria na Revista *Jornal das Moças* e, mais especificamente, na perspectiva de um olhar, de um ideal de feminino construído pelos autores das colunas veiculadas no referido semanário. A pesquisadora Nukacia Meyre Araújo de Almeida teve a mesma fonte como objeto de estudo, no entanto na perspectiva de analisar a relação entre leitura, educação e civilidade femininas.

Assim, este trabalho discute a imagem da mulher, entendendo que esta é construída a partir do discurso estabelecido de seus autores. Em sendo, o *Jornal das Moças*, uma revista que contava com considerável aporte de colunas, pondera-se sobre o tipo de mulher que se pretendia atingir e quais representações sua autoria construía e estabelecia, a partir das notícias, crônicas, informes e anúncios publicitários.

Para atingir os objetivos traçados foi utilizado o conceito de estigmatização, por Norbert Elias. Ainda, em Elias, discute-se dispositivos de disseminação e proliferação do que será considerado para esta pesquisa na configuração dos Estabelecidos e *Outsiders* (2000), como estratégia utilizada pelo periódico no propósito de conduzir a construção de um perfil para a dona de casa e que se configuraria como um instrumento de fala, na autoria do discurso estabelecido, de mecanismos de estabelecimento de ideologias dominantes, durante a ditadura Vargas.

A FONTE JORNAL DAS MOÇAS

Jornal das Moças foi uma revista carioca que entrou em circulação no ano de 1914 e circulou até o ano de 1965, sempre às quintas-feiras, nas capitais e em algumas cidades do interior do Brasil. Sua edição era feita pela Empresa *Jornal das Moças – Menezes, Filho & C. Ltda* e dirigida por Álvaro Menezes e Agostinho Menezes. Nela encontravam-se colunas com assuntos sobre decoração do lar, receitas culinárias, noções de higiene, dicas de conquista afetiva, felicidade conjugal, manutenção do casamento, além de fotos da alta sociedade carioca e notícias com atores e atrizes hollywoodianos que serviam para construção de modelos, de mitos de época.

Era um semanário ilustrado que passou por períodos históricos distintos e, consequentemente, por processos culturais e políticos também. O *Jornal das Moças* se enquadrava no tipo de folhetim que propagava o estereótipo de “mulher ideal”, como se encaixava no modelo de revista feminina que se fecha na fórmula consagrada de amiga-conselheira, confidentes entre si e com predominância do suposto universo feminino, como o lar e questões do coração (LUCA, 2012).

“A revista que o senhor e a senhora pode deixar em sua casa porque não há perigo de perversão em nenhuma de suas páginas”², que compõe o título do presente projeto e, cujo subtítulo persuasivo, a” revista de maior penetração no lar, denota, além de não ser a mulher o seu único alvo, como leitora, mas também, o homem, marido, a família como um todo, é possível encontrar em seu miolo repetidas páginas, frases de confiabilidade na consulta ao periódico.

A revista *Jornal das Moças* publicava colunas acerca dos direitos da mulher, sobretudo os políticos, no entanto, os artigos demonstravam um posicionamento conservador no que tange aos limites de participação dessa mulher e propunha educação a essa leitora, desde que não confrontasse com os interesses da família, não estivesse a frente do homem, na rua, em posição de igualdade. Essa educação deveria ser voltada para uma formação “compatível com a função de dona de casa, de mãe responsável pela condução espiritual dos membros do lar e a manutenção das gerações vindouras. Vejamos:

“Ser um pouco instruída. Conhecer bem, pelo menos, os rudimentos de aritmética e de leitura. A mulher é o primeiro funcionário do Estado Familiar, pois tem a seu cargo a importante função da despesa, de cuja anarquia rebentam tantas revoluções”³.

“No sentido elevado, humano, reparador e compensador que é o único aceito pelos que desejam a mulher perfeitamente integrada na função divina que lhe cabe, presidindo, nos lares, a vida da família, e educando as novas gerações e mantendo na sociedade o fogo sagrado de todos os deveres morais.”⁴

Percebe-se que havia de se ter um cuidado, um tratamento especial a essa formação para a mulher. Havia uma diferença no projeto de educação aos homens e às

² *Jornal das Moças*, 30 abril de 1953, nº 1976.

³ *Jornal das Moças*, 01 de junho de 1914, nº 02.

⁴ *Jornal das Moças*, 07 de setembro de 1916, nº 64.

mulheres, sendo que o objetivo era prepara-los para a vida moral, política e econômica da nação, mas que haveria de se considerar as especificidades de cada um, aos “destinos que a Providência lhes deu”. Então, se para o homem, forjado para a militância, para a vida pública, para os negócios, à mulher era destinada uma educação voltada para o papel de mulher no lar, da mãe que prepararia seus filhos para os mesmos propósitos que foi formada.

O DISCURSO ESTABELECIDO

O governo Vargas teve seu início em um cenário de transição, tanto no espaço político como nos movimentos culturais. O Brasil estava conhecendo a segunda fase da escola literária Moderna em que seus autores, através de suas peças, trabalhos, ideias buscavam originalidade a qualquer preço e um rompimento definitivo como passado, com as regras, com o retorno à estética da Antiguidade Clássica, abismos da alma ou a angustia formal presentes nas escolas anteriores, no intuito de minimizar tantas marcas europeias, introduziram a incorporação do regionalismo e a introdução da visão do artista diante do cenário que se mostrava presente.

Autores como Graciliano Ramos que com sua obra “Vidas Secas”, fundamentado no realismo, demonstrava um Brasil cravado em sua própria vida de sertanejo. Conhecedor e sobrevivente das agruras de um país que apregoava um nacionalismo, construía a alegoria de um nacionalismo triunfante proposto pelo governo, conflitavam com outros como Villa-Lobos que emprestavam a própria genialidade aos propósitos desse governo (FREITAS e BICCAS, 2009).

Os escritores desse período estabeleceram seu diálogo com o leitor através de uma literatura social, discutindo questões sociais no cenário estabelecido, favorecendo ou não a criação e o estabelecimento de mitos da época para reforçar o retrato ideológico do nacionalismo, do patriotismo, do aprimoramento da raça, da nação ideal desejada por Vargas, através de personalidades, por exemplo, que faziam parte do imaginário feminino do período.

Para esse estabelecimento, no ano de 1939 foi criado o Departamento de Imprensa de Propaganda – DIP, através de decreto presidencial assinado por Getúlio Vargas. Esse departamento teve sua origem, na verdade, no início da década de 30 com o Departamento Oficial de Publicidade e, ainda, com sua ampliação, com o Departamento

de Propaganda e Difusão Cultural. O DIP e os departamentos que o antecederam tinham como objetivo a coordenação e a centralização de todo o material de propaganda, além de censurar toda e qualquer atividade cultural, de organização de eventos, manifestações cívico-patrióticas. Tudo isso com a finalidade de tolher iniciativas e disseminar o discurso de Getúlio.

Pensar a revista feminina *Jornal das Moças* é pensar um discurso feminino, é pensar no suprimento das necessidades da mulher, é também descobrir, é descortinar um espaço de disseminação do discurso da classe dominante, da disseminação de um discurso ideológico de época.

Segundo Pinsky (2012) “a mulher é assunto”. Todos falam sobre ela e para ela. O universo feminino, na imprensa feminina é envolto por uma série de representações que estão implícitas em periódicos criados com o intuito de entreter sim, mas para além disso, orientar, informar, bem como ditar regras e impor costumes para a preservação de valores e padrões dominantes da época, como também para o estabelecimento de modelos femininos já consolidados desde o início do século XX e que sofreriam sensíveis mudanças somente a partir dos anos sessenta.

Mas, essas sensíveis mudanças tiveram seu início a partir, especialmente, na década de 1920 quando as mulheres saíam às ruas em busca de oportunidades de emprego, o cinema que se popularizava e lançava ao mundo mitos, modelos femininos de beleza e comportamento. Pinsky (2012) nos traz que essas mulheres tidas como “moças respeitáveis” eram cada vez mais vistas circulando pelos espaços públicos, pelas ruas e transformando esse cenário e os ideais de recato que vinham sendo construídos ao longo dos séculos.

A obra *Os estabelecidos e os outsiders*, referência para este trabalho, foi publicada em 1965 e é fruto de uma pesquisa realizada por Norbert Elias e John L. Scotson. O objetivo inicial do trabalho era estudar a delinquência juvenil na comunidade de Winston Parva. Durante o estudo, algumas questões foram tomando forma e começaram a aparecer de forma predominante e destacada aos olhos dos autores como “a maneira como um grupo de pessoas é capaz de monopolizar as oportunidades de poder e utilizá-las para marginalizar e estigmatizar membros de outro grupo” (ELIAS; SCOTSON, 2000). Esses grupos eram os Estabelecidos e os *Outsiders*, sendo os primeiros, moradores das zonas 1 e 2 e o segundo grupo na zona 3.

Na revista *Jornal das Moças* evoca-se um jogo identitário entre a leitora, o autor e seu discurso estabelecido e onde se visualiza a marginalização de suas leitoras e a estigmatização delas. O autor, por sua vez, pode construir uma faceta, ou facetas, a partir de uma representação da realidade ou da configuração de uma realidade pretendida a seu leitor, dissimulando, manipulando nesse jogo. Nele não há garantias. Nesse jogo haverá trapanças, omissão, juízos de valor através de seu discurso estabelecido. Aqui, discute-se a leitora, consumidora, assumindo não um papel passivo de recepção de objetos culturais, de bem culturais, valorizando a sua criatividade na subversão dessa passividade. Nesse jogo estabelecido entre a autoria e seu discurso, a leitora também subverte, resignifica, dribla e silenciosamente inventa seu fazer. Sendo assim, não se pode caracterizar o consumidor por aquilo que ele consome, adquire, pois há uma grande diferença entre a posse e o uso que se fará do bem adquirido. Assim, podemos situar a mulher na Era Vargas e a recepção da revista *Jornal das Moças* nesse período. Em meio ao consumo e fiel leitora do periódico, transgredir, driblar as normas e regras que, sutilmente, poderiam ser ali disseminadas.

É importante discutir as relações de poder existentes entre esses sujeitos e como os conceitos aqui apresentados auxiliam no descortinamento das apropriações, relações de poder, de algum poder existente entre os sujeitos, em uma relação de tensão entre dominantes e dominados. Onde os primeiros se estabelecem através da autoria de todo o material exposto aos leitores, especialmente a mulher ideal que se pretende traçar e ela própria no ato de recepção do produto consumido, como leitora.

Em diálogo com os conceitos fundamentais em Chartier, com os quais são discutidas as transformações da história cultural e, por consequência, as transformações ao longo dos séculos até as sociedades modernas, trata-se das práticas, da apropriação e o conceito principal que norteia esta pesquisa, as Representações. “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.” (CHARTIER, 1988).” Para esta colocação entende-se que os sujeitos envolvidos, aqui a mulher leitora do semanário *Jornal das Moças*, o autor nela estabelecido e, também, por aqueles que produzem a revista, a partir da História da Leitura permitiram com que determinados contextos e espaços fossem compreendidos. E é a partir das tensões encontradas entre esses sujeitos que se percebe que a fonte pesquisada revela espaço de disputa de poder entre as diferentes representações culturais ali produzidas. Para Chartier,

“as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.” (CHARTIER, 1988).

É relevante entender que, nesse sentido os discursos proferidos na atmosfera experienciada por esses sujeitos, ou grupos, não são por si só neutros e, na verdade produtores de práticas impostas uns aos outros. Uma impõe sobre a outra e, numa luta, em lutas de representações, com a finalidade de dar base, legitimar suas posturas, suas crenças, suas escolhas (CHARTIER, 2002). Desse modo, o estudo das representações busca a compreensão dos mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social e seu conjunto de valores. Pode-se observar que as representações da mulher na *Jornal das Moças*, é confirmada através dos estereótipos que são observados e criados através de dispositivos textuais impregnados nas colunas da revista.

É importante entender que se estabelecem as relações de poder nos diferentes grupos sociais e em diferentes movimentos e períodos históricos. Na figura do autor travestido⁵, a mulher da década de 30, da Era Vargas, delineia-se e revela-se estigmatizada. Travestindo-se o autor, por vezes, nas narrativas do folhetim, segue conduzindo essa mulher, dissimulando em uma jogatina do explícito para o que está implícito, para resultar em um aparato ideológico, ou não, para transcorrer ao longo de um período conturbado de transformações, de discussões, de lutas, frivolamente, com discursos voltados para a defesa da moral e dos bons costumes, do nacionalismo, do casamento indissolúvel, com textos e propagandas, como:

Magic – o antisudorífico mais perfeito aconselha aos maridos ... Lembrar às suas esposas o uso no MAGIC nos sovacos de efeito seguro contra o suor, secando o é desaparecendo ao mesmo tempo o mau cheiro natural. Seu uso é economia de vestidos (3/07/1930 – edição 00785).

O Regulador SIAW faz desaparecer os tormentos que geram na mulher a impertinência constante, a irritação do sexo, a mocidade envelhecida! (3/1/1935 – edição 01020).

Orgulhe-se dos seus cabelos! Cuidar do cabelo é dever de toda mulher que sabe sua missão principal – ser encantadora. Use Oleo Royal Briar, de Atkinsons (3/1/1935 – edição 01020).

⁵ Para este trabalho, aplica-se o termo travestido ao autor homem, que se traveste do ideário feminino, apropriando-se, por vezes, de sensações e desejos na escrita das colunas, na referida fonte de pesquisa.

O estigma é um elemento da relação entre estabelecidos e *outsiders* e ele se associa a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido, que reflete e justifica o preconceito (ELIAS; SCOTSON, 2000). Utilizando esse conceito e identificando os estigmatizados, o grupo de mulheres não atuantes nas discussões, que não se reconhecem como força propulsora, como igual diante do homem no espaço públicos e, apesar da fórmula consagrada de amiga-conselheira, confidente, não há entre os grupos coesão, o grupo *outsider* não tinha como se defender da situação de exclusão à qual estavam submetidos. A este grupo não era permitida a participação em atividades importantes e decisivas, marcas determinantes de soberania.

Como elemento, dispositivo de estigmatização de uso e proliferação contra os *outsiders*, visualiza-se as fofocas, que são para os autores “as informações mais ou menos depreciativas sobre terceiros, transmitidas por duas ou mais pessoas umas às outras” (ELIAS e SCOTSON, 2000). As *fofocas elogiosas* eram aquelas utilizadas como forma de confirmação superioridade social e aqui colocamos o discurso do autor travestido como efetivamente reconhecido e estabelecido pela sociedade da época e as *fofocas depreciativas* e aí poderíamos encaixar as propagandas como usuário desse dispositivo que viria para propagar as características desse grupo *outsider*.

Nos postulados de Barthes sobre o autor, é importante fazermos um breve exercício de localização da voz, de quem fala no texto, nas colunas, nas propagandas do folhetim. A impossibilidade de fixar a autoria, independente de assinaturas reais ou irreais ali apresentadas, não elimina a necessidade de sua definição, homem ou mulher, para compreender o texto como um todo. A identificação dessa voz, de quem fala ali, demarca quem está no texto e está diretamente ligada a sua compreensão. Perguntas como quem fala e o que o autor quis dizer aqui ou ali são baseadas em indícios textuais e que oferece um direcionamento interpretativo para o texto. Esses questionamentos não devem ser feitos ou são desnecessários, tendo em vista que para a produção daquele texto, que Barthes o apresenta como *escritura* há um conjunto de composição texto e autor. A partir disso, para se ter o entendimento dessa exclusão do autor para a compreensão de sentido do texto e, então considerar o que representa o surgimento do autor do ponto de vista da escritura, do texto significa, portanto, dar completa atenção ao texto produzido (BARTHES, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, apoiando-se nos estudos de Elias e Barthes, buscou-se compreender o feminino, ou a representação que o autor da revista *Jornal das Moças* tem dela, em virtude das estratégias utilizadas por esse periódico, para a família, no propósito de conduzir a construção de um perfil para a dona de casa e que se configurara como um instrumento de fala, no travestimento da autoria, partindo da morte desse autor. Extraíndo, assim, a partir dele os mecanismos de estabelecimento de ideologias dominantes de um determinado período, através de um jogo implícito de mitificação durante a ditadura Vargas.

Os conceitos de Elias, extraídos da configuração nOs Estabelecidos e *Outsiders* denotam as relações de poder existentes entre o discurso disseminado no semanário carioca e suas leitoras e pode-se visualizar a exclusão dessas mulheres, as *Outsiders*, dos espaços públicos ocupados, dos cargos ocupados e pensados para os homens e, ainda o discurso dos autores, Estabelecidos e validados pelo Estado, pelos dispositivos utilizados pelo governo Getulista no estabelecimento dos ideais de época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. In: _____. O Rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CAPELATO, Maria Helena. **O Estado Novo: O que trouxe de novo?**. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp.107-43.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: CHARTIER, Roger. A beira da falésia: a história: entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; São Paulo: Betrand Brasil, 1990.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LUCA, Tania Regina de Luca. **Mulher em revista**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012. p. 555.